

# Em busca de um modelo para o estudo das comunidades virtuais em redes sociais no ciberespaço

Raquel da Cunha Recuero<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O presente artigo busca propor um modelo de estudo para as comunidades virtuais encontradas na Internet. A partir de uma abordagem de rede social, são observados diversos elementos que fazem parte deste tipo específico de rede, bem como sua possível utilização.

**Palavras-Chaves:** comunidades virtuais, redes sociais,

---

## Introdução

Recentemente, a metáfora da rede como forma topológica das relações tem sido resgatada por diversos estudos nos mais variados campos da ciência (Castells, 2003; Barabási, 2003; Watts, 2003 e 1999; Buchanan, 2002; Johnson, 2003). Essa nova ênfase, denominada por Barabási (2003) como a “ciência da rede” demonstra a existência de padrões comuns (denominados “padrões de rede”) a vários fenômenos de campos tão díspares quanto matemático, físico, econômico e social.

“There is a sense in which networks are suddenly appearing everywhere – not only in new models of consumerism, entertainment, marketing and communications, but also in more specific, diverse examples, such as terrorists networks, peer-to-peer networks, and the networks of emerging infectious diseases” (Thacker, 2004, p.3).

A “ciência das redes” enfatiza a auto-organização, a descentralização, a emergência, o sincronismo e a organização como fatores fundamentais dos fenômenos das redes complexas, através de uma perspectiva que alimenta-se na biologia e na física, mas que se auto-compreende como interdisciplinar. Esta abordagem percebe a natureza das redes através de três princípios fundamentais (Thacker, 2004a, p.5): A conectividade (“everything is connected, nothing happens in isolation”); a ubiquidade (“connectedness happens everywhere, and it is a general property of the world”); e universalidade (“networks are universal and their general abstract properties can explain, describe and analyze a wide range of phenomena”). Através da proposição de modelos de análise (como o modelo de “redes iguais” de Erdős e Rényi; modelo de “mundos pequenos” de Watts e Strogatz, 1998; ou o modelo de “redes sem escalas” de Barabási e Albert, 2003 e 1998, por exemplo), seus teóricos clamam pela aplicabilidade desses em todos os campos da ciência, como os “padrões de rede” (Recuero, 2004). Entretanto, as questões fundamentais permanecem, especialmente quanto ao campo social, objeto deste trabalho. Embora em alguns estudos, os modelos propostos revelem-se frutíferos para análises dos fenômenos sociais (Girvan e Newman, 2002; Radicchi et. al., 2004; Newman, Watts e Strogatz, 2002; Shirky, 2003), o grande problema parece ser a abordagem puramente estrutural e matemática dos fenômenos sociais, que impede que

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) e professora da Escola de Comunicação da Universidade Católica de Pelotas (ECOS/UCPel). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPECOM) da ECOS/UCPel e ao Grupo de Estudos de Interação Mediada por Computador (PPGCOM/UFRGS).

vários aspectos fundamentais sejam adequadamente compreendidos (Primo e Recuero, 2003 e 2004; Recuero, 2004). A abordagem puramente quantitativa da rede social, realizada por esses estudos, parece pressupor a conexão, sem salientar sua qualidade, sua profundidade e suas especificidades, que em redes sociais, fazem muita diferença. Sem levar em conta o custo do laço social e presumindo sua existência, os modelos podem levar a conclusões errôneas quando aplicados diretamente para o social.

(...)os modelos de análise das redes propostos por Erdős e Rényi, Watts e Strogatz e Barabási são insuficientes no sentido de perceber as complexidades de uma rede social na Internet. Isso porque esses modelos, apesar de afirmarem sua aplicabilidade para as redes sociais, falham em levar em conta as premissas mais básicas da análise social (Recuero, 2004, p.14).

Thacker (2004a, p.4), partindo das análises de Euler e Kant<sup>2</sup>, afirma que “networks are fundamentally spatial phenomena” e, por causa disso, elas possuem um problema básico: sua insuficiência em lidar com a variável tempo e com seus aspectos dinâmicos.

From the network science perspective, the network is essentially spatial, and the universal properties it displays are not so much evident in the dynamic functioning of the network, as they are static patterns which exist above the temporality of the network (Thacker, 2004a, p.5).

Thacker lembra que outra questão é fundamental: redes sociais são sistemas vivos. Por conta disso, adaptam-se e modificam-se com o passar do tempo. Um modelo de rede que não leve em conta a dinâmica do sistema pode, invariavelmente, parecer apenas uma “fotografia” de um fenômeno, estanque e parado no tempo. Outro problema é a necessidade de considerar que nem toda a dinâmica da rede pode compreender sua complexificação ou ampliação, como pressupõem os modelos de Watts e Strogatz (1998) e Barabási e Albert (1998). O conflito e a competição são frequentes e necessários nas redes sociais (Primo, 2005), gerando, muitas vezes, ruptura e simplificação.

Outro problema é a incapacidade dos modelos de observar os vários sentidos nos quais as relações sociais acontecem. O contexto e o capital social fazem parte de cada interação em uma rede social. Os modelos também falham em levar em conta essas diferenças (Recuero, 2004).

Por conta disso, este trabalho dirige-se para uma discussão teórica e uma proposição de um modelo que dê conta das particularidades de uma rede social, de um modo mais específico, das redes sociais na Internet.

---

2 Para o autor, Euler e Kant, enquanto contemporâneos, tinham conhecimento dos trabalhos um do outro. Euler ficou famoso pelo enigma da ponte de Königsberg, onde lançou as primeiras proposições sobre o que chamou de “teoria dos grafos”, um dos fundamentos da teoria das redes. Thacker acredita que uma genealogia do conceito de rede na ciência iria diretamente a Euler, porque o que se encontraria “is the assumption of space as a starting point”. Kant, de outra sorte, daria o fundamento político à rede, porque não acreditava, como os contratualistas (tais como Locke e Rousseau) que os homens “naturally form groups”. Neste sentido, o grupo estaria situado em uma tensão entre o individual e o social, entre a liberdade e o direito. A rede, para Kant, seria, ao mesmo tempo, política e econômica. (Thacker, 2004a p.3-6).

## 1. Redes Sociais na Internet: uma Estrutura Fundamental

Uma grande parte da sociologia, representado, principalmente, pelas correntes da chamada análise estrutural (Degenne e Forsé, 1999), dedicou-se ao estudo da sociedade através da metáfora de rede. Wellman (1999 20-22) explica as três grandes tradições: À primeira, de origem britânica, deve-se o desenvolvimento antropológico do conceito de rede social. Nela, os teóricos britânicos realizaram, através de uma perspectiva estrutural-funcionalista, descrições da estrutura social, com um foco na maneira através da qual a cultura prescreve o comportamento considerado válido em grupos muito fechados. A segunda, mais centrada nos Estados Unidos, trabalha fundamentalmente na análise quantitativa e de escopo substantivo (sociometria, por exemplo). A terceira foca na busca de explicações estruturais para os processos políticos. Os teóricos desta tradição estão centrados no estudo de processos políticos como resultado de laços de troca e dependência entre nações e grupos de interesses (pg. 29). Temos, portanto, uma corrente de viés etnográfico (a primeira), uma de viés quantitativo (a segunda) e uma terceira de viés político.

Entretanto, o que vem a ser a rede social dentro dessa perspectiva? Fundamentalmente, uma rede social é compreendida como um conjunto de dois elementos: **atores** (pessoas, instituições ou grupos) e suas **conexões** (Wasserman e Faust, 1994, Degenne e Forsé, 1999). Essas conexões são entendidas como os laços e relações sociais que ligam as pessoas através da **interação social**.

Maturana e Varela (2001, p. ???), no estudo dos sistemas biológicos, estabeleceram que dois elementos eram necessários ao seu estudo: o **padrão de organização** e a **estrutura**. Para os autores, padrão de organização de um sistema biológico é “a configuração das relações entre os componentes do sistema que determinam as características essenciais desse sistema”. Trata-se da observação de um padrão que envolve o “mapeamento abstrato de relações”. O padrão de organização está relacionado com a qualidade, a forma, e a ordem de um sistema. Já a estrutura envolve a “incorporação física de seu padrão de organização”, cuja descrição trata “dos componentes físicos efetivos do sistemas”. Ela refere-se à substância, à matéria do sistema.

Os termos são comuns à tradição sociológica sistêmica, que também trabalha com estrutura e organização. De acordo com Lakatos e Maconi (1999, p. 149), Spencer foi o primeiro a empregar o termo estrutura em seu modelo social, ao estabelecer um paralelo entre a organização e a evolução dos organismos vivos e a organização e evolução da sociedade. “A estrutura seria a maneira como as partes de um todo se encontram articuladas entre si”. A estrutura social, de acordo com Galliano (1981, p. 168) exprime uma “intenção globalizante”, que vai além da mera combinação de elementos, mas que compreende um todo, cujos fenômenos são interconectados. Essa estrutura é resultante de regularidades que são observáveis nos grupos sociais e é justamente por compreender um padrão que é visível. “Dissemos que o conceito de estrutura social se refere às

regularidades observáveis da vida social, resultando estas do fato de as ações sociais tenderem a se repetir segundo normas determinadas”(Galliano, 1981, p. 170).

No estudo da estrutura social, a realidade concreta de que cuidados é o conjunto de relações realmente existentes em dado momento, e que ligam certos seres humanos (In: Pierson, 1970:160 *apud* Lakatos, 1999 p. 150). Deste modo, a estrutura compreende necessariamente, um certo “estado de equilíbrio” de onde é possível perceber os elementos que fazem parte da rede.

Já a organização social compreende “[...] o conjunto das ações sociais que se desenrolam numa determinada coletividade, num dado momento de sua existência” (Galliano, 1981, p.171). Os processos que constituem a organização social seriam também as relações sociais. No entanto, a organização compreenderia todas as relações sociais, quer obedeçam e reiterem a estrutura, quer distanciem-se dela, prejudicando-a. A organização compreende a totalidade concreta de relações, sejam elas em cooperação ou em conflito. Neste sentido, a estrutura compreenderia uma certa sedimentação de relações sociais regulares.

Na verdade, o modelo sociológico de estrutura e organização em muito assemelha-se com a proposta de Maturana e Varela.

Entende-se por **organização** as relações que devem ocorrer entre os componentes de algo, para que seja possível reconhecê-lo como membro de uma classe específica. Entende-se por **estrutura** de algo os componentes e relações que constituem concretamente uma unidade particular e configuram sua organização. (2001, p. 54).

A organização é pois, aquilo permite que algo se reconheça no que é. Capra acredita que a organização, de acordo com Maturana e Varela, compreenda apenas “uma descrição abstrata de relações”, que não identifique os componentes do sistema, enquanto a estrutura compreende a “corporificação física” dessas relações (2000, p.89). Por exemplo, o que faz de uma flor, uma flor, são as relações entre caule, folhas, pétalas, raiz, pólen, coroa, pistilos e etc. Cada um desses elementos possui uma organização que faz com que sejam reconhecidos enquanto elementos, que, em conjunto, fazem a flor. A organização, para os autores, “trata-se daquelas relações que têm de existir, ou têm de ocorrer, para que esse algo seja” (2001, p.50). Essa organização é diferente de sua estrutura, que é composta da substância, da matéria que cada um desses elementos possui e que, conjuntamente, compõe a flor. Essa matéria é continuamente recomposta, e ainda assim, a flor continua flor. Se ela perder uma pétala, ou uma folha, ou ainda, for colhida (e por conseguinte, separada do seu caule), continua flor, ou seja, o sistema continua sendo reconhecido como flor. A organização, assim, é independente da estrutura. Entretanto, se retirarmos **todas** as pétalas, **todas** as folhas, e separarmos todos os demais elementos, estaremos desarranjando a organização do sistema, e ele deixará de ser reconhecido como flor. A perda da organização, pois, acarreta na **destruição** ou **morte** do sistema. No sistema social, a organização constitui-se nas relações entre os indivíduos que dele fazem parte, sem sua totalidade. Essas relações constituem-se na substância do extrato social.

A estrutura, ao contrário, constitui-se naquilo que uma determinada sociedade possui para que seja considerada como tal. Ao analisar **a natureza e o funcionamento das relações de obrigação** atuantes entre os diversos grupos de uma sociedade, estaríamos descrevendo a **organização social**, e ao estudar **a posição, com referência uns aos outros, dos numerosos grupos**, posição que se manifesta no sistema de relações de obrigação familiares, políticas, econômicas, religiosas e etc., estaríamos analisando a **estrutura social**.

Como poderíamos considerar, assim, a estrutura e a organização em uma rede social no ciberespaço?

### **Organização**

Ora, já dissemos que a organização constitui-se na totalidade de relações de um determinado agrupamento social. Neste sentido, pode-se dizer que a organização é composta pela interação social<sup>3</sup> que constitui as relações de determinado grupo. Watzlavick, Beavin e Jackson (2000:46) explicam que a interação representa um processo sempre **comunicacional**. Ela é “uma série de mensagens trocadas entre pessoas”. Portanto, aí estão os elementos fundamentais da interação social: **as pessoas** e as **mensagens** que são **trocadas** entre elas. Neste sentido, a interação é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, com reflexo social (pg. 18). A partir de uma perspectiva sistêmica, eles procuram analisar os padrões de interação e compreender, a partir daí, como se dá a comunicação humana. Os autores entendem que a interação atua diretamente sobre a definição da natureza das relações entre aqueles envolvidos no sistema interacional (pg. 110). A interação, pois, tem sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo. Como, para os autores, é impossível “não comunicar”, é impossível, também, “não interagir” pois qualquer ação (inclusive uma “não-ação”) serve como alimentador do sistema. Interagir é comunicar e comunicar é interagir<sup>4</sup>.

No entanto, quando trabalhamos com o ciberespaço, a interação social dá-se de uma maneira muito particular. Trata-se de uma interação mediada pelo computador. Primo (1998 e 2003) estabelece uma dicotomia para tratar especificamente da interação mediada por computador. Para ele, existem unicamente duas formas de interação neste contexto: a **interação mútua** e a **interação**

---

3 O estudo da interação social surge com os primeiros estudos da sociedade, de um modo especial, com raízes no interacionismo e o interacionismo simbólico (Silva, 2002:2). A interação social nessa abordagem, tem seus fundamentos no interacionismo simbólico, onde a interação é uma “ação social caracterizada por uma orientação meramente recíproca”. As relações sociais, em tal visão, não são vistas como elementos finalizados, “fechados”, mas como algo “aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade” (Joas, 1996:130).

4 Embora essa opinião não seja uma unanimidade, por exemplo, Lakatos e Marconi (1999, p.87) afirmam que a comunicação é apenas **uma das formas** de interação social, essa discussão não será tratada neste trabalho, por problemas de espaço e por não estar diretamente relacionada ao escopo do artigo.

**reativa.** Estas formas distingue-se pelo “relacionamento mantido” (2003:61) entre os agentes envolvidos. Assim:

(...)interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (pg.62).

Para Primo, a interação reativa é sempre limitada e independe dos atores envolvidos no processo. É o caso, por exemplo, da relação de um agente com um hiperlink na web. Ao agente é permitida, de um modo geral, apenas a decisão entre clicar ou não no link<sup>5</sup>. Ele não pode redefinir a URL para onde este link aponta, nem mesmo pode escolher para onde deseja ir a partir daquele link. Trata-se de um vetor unidirecional, criado por alguém, que permite ao agente unicamente, ir ou não ao site para onde ele aponta. Já em outros sistemas, como nos comentários de um blog, por exemplo, é possível realizar um diálogo não apenas entre os comentaristas, mas também com o autor do blog. Trata-se de uma interação construída, negociada e criativa. Trata-se de uma interação mútua (Primo e Recuero, 2003).

A partir da dicotomia criada por Primo, pode-se imaginar que a interação social mediada por computador será sempre uma interação mútua. Na maioria das vezes, efetivamente, a interação reativa dá-se apenas entre o agente e o sistema que media a relação comunicativa (como no caso do link). Entretanto, em alguns casos, como no sistema do Orkut, onde é possível interagir com várias pessoas simplesmente através de botões, demonstram que isso não é verdade (Recuero, 2005). No Orkut, é possível “convidar” alguém para ser seu amigo, e esta pessoa aceita ou não (clica em um botão) este convite. Trata-se de uma interação social, já que essa ação de solicitar e receber uma aceitação ou negação tem reflexos nos dois polos da relação comunicativa. Entretanto, é uma interação reativa, já que ao agente convidado é dada a única opção de “aceitar” ou “negar” o pedido, enquanto ao agente que convida, é dada a opção de “acrescentar à lista de amigos” através de um clique. É claro que a interação reativa, por suas próprias limitações, acaba reduzindo o espectro de relações sociais que possa gerar. A interação mútua, por outro lado, como permite a inventividade, como explica Primo, pode gerar relações mais complexas do ponto de vista social. Deste modo, a interação social mediada por computador pode ser tanto **mútua** quanto **reativa**.

A interação social, no âmbito do ciberespaço, pode também dar-se de forma **síncrona** ou **assíncrona** (Reid, 1991). Essa diferença remonta à diferença de construção temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem. Uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata. É o caso, por exemplo, dos canais de *chat*, ou

---

<sup>5</sup> Apesar disso, outros estudos realizados por Primo e Recuero (2003, 2004a, 2004b e 2004c) visaram desenvolver uma forma de tornar o link passível de maior interação, através da criação do projeto co-link <<http://www.co-link.org>>.

mesmo de conversas no ICQ, MSN, AIM ou outros sistemas de mensagens. Já o e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata. Espera-se que o agente leve algum tempo para responder ao que foi escrito, não que ele o faça (embora possa fazer, é claro), de modo imediato.

Lakatos e Marconi (1999, p.88-93) trabalham com a interação social como causadora de processos sociais diversos para um grupo. Esses processos compreendem a dinâmica dessas interações e seus efeitos sobre a sociedade. Eles compreenderiam a cooperação, a competição e o conflito. A cooperação compreenderia o atuar em conjunto de um grupo ou de indivíduos, para a “consecção de um objetivo comum”. Desta forma, a cooperação é essencial para a existência das estruturas sociais. Já a competição seria resultado das diferenças entre desejos e aspirações e a capacidade de provê-los ou a inadequabilidade desses recursos para toda uma população. As autoras explicam que a competição é uma interação tão fundamental que “leva alguns sociólogos a afirmar que a competição é a ‘forma mais elementar e universal de interação’, consistindo em ‘luta incessante por coisas concretas’”(p. 89). O conflito seria diferente da competição na medida em que envolve **hostilidade** e **pessoalidade**. Embora reconheçam que trata-se de uma diferenciação difícil, Lakatos e Marconi explicam que “entre a natureza da competição e a do conflito há apenas uma diferença essencial – a primeira não é necessariamente pessoal e não implica necessariamente hostilidade, como acontece ao conflito” (p.89).

Primo (2005, p.18) salienta a importância do conflito a partir do pensamento de Simmel, explicando que “é bastante simplicador pensar uma amizade sem desencontros e rugas, uma comunidade virtual recheada de puro altruísmo ou, por outro lado, supor que o sujeito se basta, que pode ficar imune aos ataques de terceiros, ao ciúme, à raiva e a competição”. Em seu artigo, o autor salienta a importância do conflito e da cooperação na interação, mas, ao mesmo tempo, explica que “ambos são essencializados, oferecendo-se uma visão parcial e equivocada sobre os processos de interação. [...]Conflito e cooperação, por não serem extremos opostos, separados por um vazio abismal, só podem de fato ser separados conceitualmente” (Primo, 2005, p. 20).

É fundamental, portanto, para a análise da organização de uma rede social, a compreensão da interação mediada pelo computador em todos os seus aspectos. Já dissemos que ela pode ser construtiva ou meramente reativa (mútua e reativa, de acordo com Primo, 2004); e que pode acontecer como um processo social, de onde resultariam cooperação, competição ou conflito. É preciso pois, investigar todas as interações observadas pelo grupo, no âmbito do espaço escolhido para que a rede social interaja. É importante que se perceba que essas interações levarão a constituição da estrutura da rede social observada, bem como sua ruptura ou transformação. Elas proporcionam, portanto, também os processos dinâmicos da rede a ser estudada e devem ser cuidadosamente estudadas e classificadas.

A interação social no ciberespaço tem particularidades importantes que também precisam ser levadas em conta pelo pesquisador:

a) Diferenciação entre a rede social e o virtual settlement do grupo – É muito comum que os pesquisadores refiram-se a um determinado site ou canal de chat como um grupo social. Entretanto, é fundamental saber que esses elementos são apenas o suporte através do qual um determinado conjunto de atores interage na Internet. O suporte, ou virtual settlement (de acordo com a classificação de Jones, 1997), é diferente da rede social que o utiliza. Portanto, um determinado canal de chat que seja muito ativo pode representar a existência de uma rede social a um estudioso inexperiente, quando, na verdade, são apenas mensagens que não se inter-relacionam (como as mensagens dos bots ou dos sistemas, por exemplo). É preciso sempre considerar as interações sociais no ciberespaço e não apenas o ciberespaço.

b) Anonimato – Quando se trabalha com redes sociais na Internet, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis e podem não se dar a conhecer, se não desejarem. Trata-se de uma característica da mediação pela Internet: o **anonimato**. Entretanto, é possível indicar os atores desde que se conheça e estude a ferramenta do *virtual settlement* de determinado grupo. Em trabalhos anteriores foi demonstrado que, em chats, é possível relacionar o ator ao nickname (apelido utilizado no canal de chat), bem como a características particulares de linguagem (tais como o uso de expressões características, emoticons e etc.) que os atores tendem a desenvolver neste espaço (Recuero, 2001 e 2002). Entretanto, ainda assim, é possível encontrar indivíduos que tentam passar-se por outros e o chamado “engano de identidade” (Donath). Em weblogs e fotologs, por outro lado, a identificação é facilitada com relação a um dos atores (o blogueiro ou fotologueiro). Já com relação aos demais interagentes, é possível identificá-los também por nicknames (no caso da maioria dos fotologs, onde é preciso um nome de usuário e uma senha para logar), ou por links (em comentários, para redes sociais pequenas e íntimas, os usuários utilizam as URLs de seus respectivos blogs como forma de identificação), e mesmo por características de linguagem (Recuero, 2002a, 2003, 2004).

c) Permanência – Uma vantagem do estudo no ciberespaço dessas redes é que as interações permanecem mais tempo. Como elas são mediadas por instrumentos tecnológicos, acontece, com frequência, que fiquem registradas em servidores, em sites e etc. Isso facilita o trabalho do pesquisador, já que as interações tornam-se mais registráveis e menos voláteis.

## **Estrutura**



Como dissemos anteriormente, a estrutura da rede social compreende aquilo que ela possui de mais permanente, ou ainda, o resultado das interações repetidas. Portanto, como elementos estruturais, podemos considerar:

### **Laços Sociais**

O conceito de laço social passa pela idéia de **interação social**, sendo denominado **laço relacional**, em contraposição ao laço associativo, aquele relacionado unicamente ao pertencer (a algum lugar, por exemplo)<sup>6</sup>. Os laços associativos constituem-se em meras **conexões formais**, que independem de ato de vontade do indivíduo, bem como de custo e investimento. Esses laços associativos podem **emergir** da existência dos laços sociais, constituindo-se num pertencimento relativo à existência de um grupo social mais denso, mas podem também não ser resultado de nenhuma interação social e nem representar a conexão de um indivíduo com um grupo, mas sendo um mero reconhecimento formal da existência de um vínculo material entre um indivíduo e, digamos, um país. Neste sentido, não interferem na estrutura social, tratando-se, simplesmente, de uma classificação. Por conta disso, esses laços não serão considerados sociais, mas serão levados em conta por sua característica formal de agregação.

Os laços sociais também podem ser **fortes** e **fracos**. De acordo com Granovetter (1973:1361), *“the strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding) and the reciprocal services which characterize the tie”*<sup>7</sup>. Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais (Wellman, 1997), enquanto os fracos possuem trocas mais difusas<sup>8</sup>. Ambos auxiliam a constituir a estrutura social, podendo ser observados através das relações sociais. Evidentemente, os laços fortes constituem as redes menos instáveis, enquanto os fracos, os pontos de maior mutação.

Os laços sociais podem ainda ser denominados **multiplexos** quando são constituídos de diversos tipos de relações sociais (DeGenne e Forsé, 1999; Scott, 2000), como por exemplo, um grupo de colegas que interage não apenas no ambiente de trabalho, mas também em eventos de lazer. Os laços fortes, de acordo com Granovetter (1973:1361) de um modo geral constituem-se em

---

6 Breiger (1974: 183-185), inspirado nos trabalhos de Goffman (1971), explica que o laço social pode ser constituído de outra forma: através de **associação**. Goffman explicava que os indivíduos eram conectados a outros indivíduos através de **relações sociais**. Entretanto, a conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo tornava-se um laço de outra ordem, representado unicamente por um sentimento de pertencimento. Tratava-se de um **laço associativo**.

7 Tradução da autora: “a força de um laço é uma combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço”.

8 Laços fortes e fracos são uma denominação reducionista, embora popular. Isso porque nos levam a acreditar que um determinado laço seria sempre forte ou fraco, quando na realidade, dependendo do tempo e da quantidade de interação investida na conexão, um laço pode ter diferentes gradações.

laços multiplexos e essa característica pode, inclusive, indicar a existência de um laço forte. Entretanto, o autor ressalta, citando Simmel, que alguns laços não multiplexos podem igualmente denotar força. Além disso, quanto maior o número de laços, maior a **densidade** da rede, pois mais conectados estão os indivíduos que fazem parte dela. Deste modo, os laços sociais auxiliam a identificar e compreender a estrutura de uma determinada rede social.

### Capital Social

O capital social, de acordo com Putnam (2000:19), “*refers to connection among individuals - social networks and the norms of reciprocity and trustworthiness that arise from them*”<sup>9</sup>. Para o autor o capital social refere-se principalmente às conexões e tem como elementos a reciprocidade e a confiança. Bourdieu define capital social como “*the aggregate of the actual and potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition*” (1983:248-249)<sup>10</sup>. Bertolini e Bravo (2004) trabalham com o capital social a partir de uma perspectiva de recursos dos quais dispõe um grupo de indivíduos, representados por aspectos específicos da estrutura social que os auxiliam a atingir objetivos e interesses. Gyarmati e Kyte (2004:3) têm idéia semelhante, e explicam que o capital social constitui-se no **conteúdo das relações sociais em uma rede**. Ao ser depositado em um determinado grupo, ele assume uma importante função estrutural. O capital social pode constituir o “cimento” das relações sociais dentro dos variados grupos. Além disso, o capital social depende diretamente também do investimento dos indivíduos. Como uma relação social, que constitui a forma de produção do capital existe através de **investimento e custo** para os envolvidos, o capital social que transita e que é produzido através dela, também depende desses investimentos para que possa ser acumulado nos laços sociais (Gyarmati e Kyte, 2004:3). Sem investimento, os laços sociais tendem a enfraquecer com o tempo, depreciando o capital social de um determinado grupo. Bourdieu explica que a reprodução do capital social também exige um **esforço de sociabilidade**, ou seja, de dispêndio de tempo e energia e de outras formas de capital de modo indireto (por exemplo, capital econômico), (1983:250).

Mas como se apresenta capital social? Bertolini e Bravo (2004:1-5), partem da definição de Coleman (1988), que explica que o capital social é **heterogêneo**, e constroem categorias que constituiriam aspectos nos quais o capital social pode ser encontrado. Essas categorias seriam: **a) relacional** - que compreenderia a soma das relações, laço e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; **b) normativo** - que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; **c) cognitivo** - que compreenderia a soma do

9 Tradução da autora: “refere-se à conexão entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela”.

10 Tradução da autora: “o capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo (...)”.

conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; **d) confiança no ambiente social** - que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; **e) institucional** - que incluiria as instituições formais e informais, que constituem-se na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto.

Tais aspectos do capital social seriam divididos entre os aspectos de grupo (que eles também chamam de **segundo nível** de capital social), ou seja, aqueles que apenas podem ser desfrutados pela coletividade, como o a confiança no ambiente social (d) e a presença das instituições (e), e os aspectos individuais, como as relações (a), as leis ou normas (b) e o conhecimento (c), que variam de acordo com os indivíduos (**primeiro nível** de capital social). A existência de capital social de primeiro nível é requisito para a constituição do capital de segundo nível (que representa uma sedimentação do primeiro) (Bertolini e Bravo, 2004:5-10). Deste modo, um segundo nível de capital demonstra uma maior maturidade da rede social, além de maior densidade e existência no tempo de seus laços. O capital de segundo nível é importantíssimo, porque aumenta a qualidade e a produção do de primeiro nível, criando um círculo de produção constante de recursos pelo grupo.

Flora (1998:483) tem idéia semelhante à essa, pois assume que o capital social é um resultado direto da estrutura social e baseada em Woolcock (1998), explica que a **integração** e a **conexão** entre o grupo são formas diretas de capital social (que poderiam ser compreendidas a partir de Bertolini e Bravo, 2004, como capital relacional). Quanto mais conectados, mais integrados, mais cooperativos são os grupos, e maior é a quantidade de desenvolvimento adquirido através do capital social. A contribuição de cada indivíduo ao coletivo é um presente<sup>11</sup> que, no entanto, baseia-se numa relação de reciprocidade.

O capital social de primeiro ou segundo nível, que dependem diretamente da sedimentação dos laços sociais, também auxiliam na definição da estrutura da rede.

## Dinâmica

Trata-se, assim, de uma abordagem focada nas estrutura social, onde *“individuals cannot be studied independently of their relations to others, nor can dyads<sup>12</sup> be isolated from their affiliated*

11 Muitos trabalhos estudam a cooperação gratuita em comunidades e grupos através de uma “*gift economy*”, ou seja, uma economia onde todos cooperam “doando” conhecimento, tempo e etc. para gerar capital social que todos possam usufruir. Vide, por exemplo, Chesney, 2004 - “Other people Benefit. I benefit from their work” no Journal of Computer Mediated-Communication de novembro de 2004 <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol10/issue1/chesney.html>>.

12 O estudo dessas redes é feito a partir de duas formas fundamentais: a díade e a tríade. A díade é uma conexão entre dois atores, enquanto a tríade constitui-se em um grupo de atores com conexões possíveis entre eles. O estudo das tríades nasce com as leituras de Simmel e seu interesse nas estruturas sociais (Degenne e Forsé, 1999: 18-19).

*structures*”<sup>13</sup> (Degenne e Forsé, 1999:3). A abordagem de rede é importante porque enfatiza as conexões entre os indivíduos no ciberespaço, como explicam Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997:1): “*when a computer network connects people and organizations, it is a social network*”<sup>14</sup>.

---

13 Tradução da autora: “os indivíduos não podem ser estudados independentemente de suas relações com os outros, nem podem as díades ser isoladas de suas estruturas afiliadas”.

14 Tradução da autora: “quando uma rede de computadores conecta pessoas e organizações, é uma rede social”.